

**A ESCOLA, O AMOR E A FILOSOFIA: INVENTAMOS OU
ERRAMOS**

[THE SCHOOL, THE LOVE AND THE PHILOSOPHY: WE
INVENTEND OR WE MADE MISTAKES]

Walter Omar Kohan

Professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Prociência (UERJ/FAPERJ). Coordena desde 2007 o Projeto de Extensão em Escola Pública (Em Caixas a Filosofia en-caixa?/UERJ/FAPERJ) e Projetos de Pesquisa Interinstitucionais junto à Universidades Nacionais e Internacionais.

(E-mail: wokohan@gmail.com)

Recebido em: 23 de abril de 2018. Aprovado em: 15/05/2018

A escola, o amor e a filosofia: inventamos ou erramos

KOHAN, Walter O.

Boa noite¹!! Depois de tão boa música e palavras tão firmes do Marcos, eu vou tentar, não vou falar muito tempo, pois penso que hoje é mais uma noite de comemoração, de alegria, desse estar juntos que propicia a filosofia. Também das produções!! Hoje é o lançamento do livro da Reilta², que é um livro importante, já anunciado pelo Rodrigo, sobre filosofia com crianças e que imagino o Rodrigo depois apresentará mais claramente ainda!

Mas, então só algumas palavras, digamos assim. Eu também me sinto muito afetado pelo contexto que Marcos apresentou agora e realmente é um momento em que nós padecemos e padecemos cada vez mais, pois cada semana que passa, me parece que a coisa piora e vivemos uma situação de muita regressão em termos de direitos sociais, em termos de educação, em termos de cultura de um país que nos parece que está olhando para trás ou que está caminhando para trás depois de algumas décadas com muito esforço de avanços. Então, o que eu queria nesse contexto é chamar a atenção, enfim, sobre o que pode a filosofia, sobre o que podemos nós com a filosofia...

Esse é um evento, uma semana de filosofia, então, a pergunta que logo aparece, que apareceu ontem, que atravessa essa semana, que atravessa nossa prática é, nesse contexto, de certo modo angustiante, em certo modo tão restritivo, tão ameaçador: o que fazer com a filosofia? Qual o papel da filosofia? O que pode a filosofia nos ajudar para pensar diferentemente, para enfrentar o estado de coisas? E ontem nós falávamos, eu falei bastante tempo e caracterizei a filosofia como a infância do pensamento. Falei que a infância tem a ver com início, tem a ver com começo, contudo agora estamos no final!! O final e o início também se encontram!! Hoje trabalhamos no seminário de escrita com um fragmento de Heráclito. Heráclito tem outro fragmento que é muito bonito, que eu gosto de citar, que diz que no círculo, o início e o fim coincidem, ou seja, num círculo, qualquer ponto pode ser começo do círculo, e o ponto que é começo será também fim, ou seja, o círculo termina onde começa! Então, todo fim pode também ser o início! E nesse sentido, eu gostaria que o fim que estamos agora nos aproximando seja também um início de muitas coisas, assim como a infância, ou seja, poderíamos dizer que a infância que normalmente é colocada no início, a infância também pode ser colocada no fim.

¹ Conferência de encerramento da VII Semana de Filosofia do Campus Caicó, em 09/12/2016.

² CIRINO, Maria Reilta Dantas. Filosofia com crianças: cenas de experiência em Caicó (RN), Rio de Janeiro (RJ) e La Plata (Argentina). Rio de Janeiro: NEFI, 2016. (Coleção: Teses e Dissertações). ISBN: 978-85-93057-02-1.

A escola, o amor e a filosofia: inventamos ou erramos

KOHAN, Walter O.

Então, a própria criança, a própria infância, que normalmente é colocada no início como uma coisa a ser superada, num fragmento muito bonito de Nietzsche, nas três metamorfoses de Zaratustra, muito inspirador, porque aí a criança não é o início ou o que é transformado pelo espírito, mas ela é a última transformação do espírito, o espírito se transforma primeiro em camelo, depois em leão e finalmente, depois, em criança! Então, a infância é início e é fim!! E eu queria, nesse contexto, ontem falamos da infância, falamos da improvisação, de algumas palavras que começam com “im”, e eu mencionei duas que eu gostaria de falar um pouquinho hoje, como para, de alguma forma, sinalizar ou propiciar um certo exercício que podemos fazer com a filosofia e que eu penso nesses momentos, que são momentos tão difíceis, onde parece que só podemos resistir, pelo menos podemos resistir de uma forma criativa, de uma forma afirmativa, que não seja apenas uma reação e sim o início ou a afirmação de outras possibilidades para o pensamento e para a vida.

Eu queria tomar duas palavras: uma primeira palavra é a palavra “ignorância”, que é uma palavra que tem muitos sentidos!! Ignorância, a princípio, como dizíamos ontem, significa “ausência de conhecimento”, ignorância!! E vimos, como a princípio se coloca a figura do professor de filosofia, do filósofo, em oposição à ignorância, pelo menos contrapondo-se à ignorância. A história da relação da filosofia com a ignorância é muito antiga e pelo menos data de Sócrates, vocês todos devem lembrar de Sócrates que seria a ignorância filosofia, é uma primeira ignorância, que é literal, que é ausência de saber. Ou seja, a princípio ignorância significa não saber. E o que Sócrates ensina? De alguma forma, vocês lembram-se da história de Sócrates, né? Sócrates é acusado de não acreditar nos deuses da *Pólis* e ele responde a esta acusação, na *Apologia de Platão*, dizendo que o Deus mais importante de Atenas era Apolo, esse não só confirma a acusação, mais diz que não tem ninguém mais sábio do que Sócrates, ou seja, Sócrates é acusado de irreligioso e contrapõe a isso que, o Deus mais importante da cidade diz que ele é o mais sábio. Mas, lembram também a história de como Sócrates sai para procurar saber quais os sentidos que o Oráculo poderia querer dizer e o sentido final é que na verdade Sócrates não sabe grande coisa, mas é o mais sábio porque é o único que sem saber grande coisa não acredita saber. Ou seja, é o único que sabe o pouco valor de seu saber, ou seja, é o único que sabe que não sabe, ou seja é o único que sabe de sua ignorância. E essa seria, digamos assim, a ignorância da filosofia, a filosofia não seria um saber, mas seria uma relação ao saber, ou uma relação à ignorância... lembrem o

A escola, o amor e a filosofia: inventamos ou erramos

KOHAN, Walter O.

significado da palavra filosofia, *sophia* é saber, mas a filosofia é *philo – sophia*, ou seja, é afeto, é amizade, uma relação de paixão, uma relação ao saber e ao não saber.

Então vejam como ignorar pode querer dizer não saber, mas também pode querer dizer saber que não se sabe para de fato poder saber. Ou seja, se Sócrates afirma seu saber do não saber, não é pelo valor do não saber, mas sim pelo valor que esse saber do não saber tem no sentido de promover uma busca de querer saber alguma outra coisa. Então Sócrates seria, digamos assim, quem dá a ignorância um valor afirmativo, ou seja, normalmente se pensa que a ignorância é uma falta, e que o saber é uma presença. Quem ignora deveria saber, e quem sabe deveria passar a ignorar, assim se pensa a função de um professor a princípio, um professor é professor porque sabe, um aluno é aluno porque não sabe. E a tarefa do professor seria ensinar ao aluno o que não sabe, que é o que ele próprio sabe, mas Sócrates mostra a inconformidade, a coisa deselegante desse modelo, porque? Por quê Sócrates não sabe, então qual é o saber que pode transmitir aquele que não sabe?

No último curso que deu Michel Foucault faz todo um trabalho para mostrar que na verdade esse movimento de Sócrates reconfigura o que significa o que faz um educador. Ou seja, um educador normalmente diz: “Você não sabe, eu sei. E se sou teu professor é para que você saiba o que não sabe, que é o que eu sei e é esse saber que vou te transmitir”. Mas, Sócrates se posiciona diferentemente, Sócrates não sabe, então não há saber para transmitir. E o que que Sócrates diz, mostra Foucault é: “Tudo não sabes, mas eu também não sei e se entro em contato contigo não é para que saibas o que não sabes, que eu também não sei, mas é para que cuides do que não cuidas, para que te ocupes do que não te ocupas”. Então, a ignorância socrática seria na verdade não uma ausência de saber, mas uma pretensão de mudar a relação com aquilo que se coloca atenção, com aquilo que se dá importância. Ou seja, o trabalho de Sócrates não é só um trabalho sobre o saber, mas é um trabalho sobre a atenção, sobre o que o outro cuida ou não cuida, sobre o que o outro olha ou não olha.

Então Sócrates é uma figura interessante, para o que seria uma ignorância filosófica... temos primeiro a ignorância do que não sabe, depois temos a ignorância socrática, daquele que sabe que não sabe e eu queria apresentar para vocês ainda um outro ignorante, que faz uma crítica muito dura de Sócrates..., não sei se vocês leram o livro *O Mestre Ignorante*, de Jacques Rancière, que apresenta a figura de um professor francês do século XIX. Porque qual é o problema da ignorância de Sócrates? Qual é o problema de Sócrates? Com quem conversa com Sócrates acontece uma coisa curiosa, vejam a princípio Sócrates nada sabe, a

A escola, o amor e a filosofia: inventamos ou erramos

KOHAN, Walter O.

não ser que não sabe, então Sócrates nada poderia transmitir, porque nada sabe. A única coisa que Sócrates transmitiria seria essa forma de cuidado, a única coisa que Sócrates transmitiria seria a ignorância como saber, ou seja, as pessoas que conversam com Sócrates antes de conversarem com Sócrates acreditam que sabem, depois de conversarem com Sócrates, o que que elas sabem? O que elas aprendem? Não um saber afirmativo de Sócrates, porque Sócrates nada transmite; aprendem a deixar de saber o que acreditavam saber, ou seja, aprendem que de fato, não sabem aquilo que pensavam que sabiam... o que que faz Sócrates, vocês lembram? Ele, através de perguntas, primeiro pergunta o que alguém sabe, o outro responde, e Sócrates vai mostrando que na verdade o outro não sabe tanto quanto acreditava saber, até que ele reconhece que não sabe o que acreditava saber. Ou seja, o outro não aprende a saber um saber, mas aprende a deixar de saber, aprende a não saber o que acreditava saber. E se vocês reparam um pouco é isso que sabe Sócrates, ou seja, com Sócrates acontece uma coisa curiosa, a princípio Sócrates nada sabe, a princípio não transmite nenhum saber, mas curiosamente, todos os que aprendem com Sócrates aprendem a mesma coisa, o mesmo saber, que é o saber de Sócrates, ou seja, a não saber o que acreditavam saber, ou seja, o saber do não saber. É meio perigoso o Sócrates, porque ele diz que nada sabe e que nada ensina, mas todos os que aprendem com ele, aprendem o que Sócrates já sabe, e com Sócrates não se pode saber outro saber a não ser o que Sócrates já sabe, ou seja, não se pode saber o que se acreditava saber, ou seja, o único saber que se pode saber é um saber de não saber, percebem? Percebem!

Ou seja, Sócrates que a princípio é um mestre ignorante, é um mestre da ignorância, no fundo acaba só ensinando o que ele já sabe: que não sabe. Então, nesse livro *O Mestre Ignorante* se faz essa crítica de Sócrates, que é uma crítica dura para todos os professores de filosofia, porque Sócrates é como nosso Pai, digamos assim, como o primeiro filósofo, o infante da filosofia. É esse o nosso nascimento, a filosofia nasce nessa lógica socrática, ou seja, de alguém que ensina, que não sabe, mas que faz com que todos aprendam o que ele já sabe, e que segundo Sócrates é o único saber que o ser humano pode saber. Então aparece Rancière e aponta uma nova forma de ignorância e é isso que eu queria apresentar para vocês. Então, tem a ignorância do não saber, tem a ignorância socrática, saber do não saber e tem a ignorância do mestre ignorante, que diz assim: “Na verdade Sócrates, não é um mestre ignorante. Sócrates sabe, é um sábio da sua ignorância e Sócrates acredita no Oráculo, acreditou em Apolo, que diz que Sócrates é o mais sábio”. Ou seja, Sócrates não pergunta

A escola, o amor e a filosofia: inventamos ou erramos

KOHAN, Walter O.

aos outros para saber, Sócrates pergunta aos outros para que eles saibam que Sócrates é o mais sábio, porque na medida que Sócrates constrói suas perguntas mostrará que eles não sabem o que acreditam saber, e assim confirmará que o Oráculo tinha razão e que Sócrates é o mais sábio. Então Sócrates pergunta na verdade como um pastor, diz Rancière, Sócrates pergunta não como aquele que sabe e pergunta para saber, mas pergunta porque sabe e para que os outros saibam o que ele já sabe e não parece fazer um grande favor ao pensamento dessa forma.

Então o que Rancière diz, qual é o problema de Sócrates, digamos assim, o problema de Sócrates é que ele acreditou no Oráculo e ele se coloca por cima de todos os outros, ele é o mais sábio e só se pode saber o que o mais sábio sabe. Não vou contar a história de *O Mestre ignorante* porque vai levar muito tempo, Rancière a conta: é a história daquele que percebe uma diferença, digamos, entre a lógica da emancipação e a lógica do embrutecimento. Qual é a diferença segundo Rancière entre o mestre emancipador e o mestre embrutecedor? Diz Rancière, Sócrates sob a lógica aparentemente de emancipação ele é o mais embrutecedor dos embrutecedores, porque ele se apresenta como um emancipador, mas na verdade oculta a máscara que traz a todos para o seu próprio saber. Qual é o problema do embrutecedor? É que ele se coloca por cima dos outros. Qual é a lógica da emancipação? Diz Rancière, a lógica da emancipação é a lógica da igualdade, só pode emancipar aquele que conversa com os outros de igual para igual. Então, qual é o problema de Sócrates? Ele não conversa de igual para igual, ele se coloca por cima, ele se coloca como o mais sábio, e ele conversa para legitimar-se a si mesmo como o que mais sabe. Então, o único princípio que precisa a lógica da emancipação é a igualdade das inteligências, só a partir da igualdade como princípio é possível que o mestre se coloque como um emancipador. Se não se respeitar esse princípio fatalmente quem se coloca como mestre, coloca-se a si próprio acima dos outros, impossibilitando o diálogo com os outros aos quais considera inferiores e é isso o que acontece com Sócrates.

Então o emancipador, diz Rancière, não trabalha sob o saber ou a inteligência de quem aprende, ele trabalha sob sua vontade, ele trabalha para que queiram aprender, mas o que vai aprender não é um problema de quem ensina, é um problema de quem aprende. O problema de Sócrates é que ele não deixa os outros trabalharem livremente com sua inteligência, ele já sabe de antemão o que os outros precisam saber. Diz Rancière: “Ali onde há desigualdades de inteligências não há emancipação possível, ali onde uma instituição exige

A escola, o amor e a filosofia: inventamos ou erramos

KOHAN, Walter O.

que o mestre se coloque por cima dos estudantes não é possível a emancipação”. Então, se queremos ser emancipadores precisamos ser ignorantes, mas aí vocês veem que a ignorância tem outro sentido, o mestre é ignorante não porque não sabe, é ignorante porque sabe, porque conhece e porque desobedece aquilo que atrapalha a lógica da emancipação, ou seja, se um emancipador pensa que a única forma da emancipação parte da igualdade das inteligências e uma instituição exige partir da desigualdade ele precisa desobedecê-la, precisa ignorá-la para poder fazer uma prática que tenha vista para um não embrutecimento. Então vejam como a ignorância neste caso tem um terceiro valor, ela não é um saber que o mestre desconhece, a exigência da desigualdade institucional, ela não é um saber do não saber no estilo socrático, ela é um saber que não aceita o que já sabe, que recusa, que resiste ao que já sabe. Assim, a ignorância pode querer dizer não saber ou saber de não saber ou pode querer dizer também saber e não aceitar, saber e recusar. Então essa ignorância, essa forma de ignorância eu penso que abre as portas para pensarmos o que um professor de filosofia faz desde uma outra lógica, ou seja, já não se trata de ignorar, já não se trata de saber da ignorância, se trata de saber de todas aquelas coisas que dentro de nosso trabalho de professores impendem que possamos fazer o que pensamos que a filosofia deveria fazer. E enquanto impedem isso é preciso conhecê-las e é preciso não as aceitar, ou seja, é preciso conhecê-las, mas, ignora-las, conhecê-las, mas recusa-las, para que não façam parte de nossa prática.

Vejam como a ignorância aí tem um valor de desobediência, tem um valor de não aceitação, de recusa, de resistência, um mestre ignorante no estilo do mestre ignorante de Rancière não é ignorante porque não sabe, nem porque sabe que não sabe, é ignorante porque sabe, mas não aceita, sabe mas se recusa a aceitar os saberes que possam atrapalhar sua prática emancipadora. Eu queria por último acrescentar alguma consideração acerca da invenção, que é outra palavra importante para um professor de filosofia e que se pode associar muito hoje à criação... ou seja, a ignorância é algo que a filosofia conhece tradicionalmente e que se associa à Sócrates, ou seja, a ignorância da filosofia seria um saber de não saber, eu tentei mostrar agora como essa ignorância é um pouco perigosa. E como talvez o tempo de pensar a ignorância em termos não de saber de não saber, mas em termos de um saber e não aceitar, em termos de saber de uma recusa, um saber de não legitimação... enquanto à invenção eu queria falar um pouco também porque é uma palavra que está também na ordem do dia, ou seja se fala muito em um aluno inventivo, inovador, criativo,

A escola, o amor e a filosofia: inventamos ou erramos

KOHAN, Walter O.

se fala muito no valor da invenção e eu queria dar um sentido diferente à invenção que me parece hoje importante para pensarmos o que fazemos enquanto professores de filosofia neste contexto tão preocupando.

Primeiro a etimologia da palavra invenção, que vem de *inventus*, que é uma palavra latina que significa *ventus* que é o particípio do verbo *venir*, que significa que veio, que chegou. E invenção não significa ausência como ignorância, significa dentro, em, então *investus* é o que chega dentro e, portanto, *inventus* é algo que tem a ver com atenção, que tem a ver com fora, que tem a ver com a sensibilidade, e com a hospitalidade. Ontem mencionamos um livro de Simón Rodríguez, O mestre Simón Bolívar, que se chama *Inventamos ou erramos*, eu queria falar um pouco dessa frase porque me parece extremamente atual e importante lembra-la. Era um momento em que em América do Sul se independizavam as Repúblicas e Bolívar tinha feito uma campanha militar, tinha libertado a Colômbia, tinha libertado a Venezuela, Peru, Equador, vinha descendo pelos Andes, libertou Bolívar, e qual era o problema? Rodríguez via e escrevia: *Inventamos ou erramos*. Porque as repúblicas assim que libertadas pegavam uma constituição dos Estados Unidos ou da Europa e a copiavam, mudavam alguma coisinha, mas a própria constituição política se afirmava a partir da imitação, da cópia, de tomar uma coisa de fora e reproduzi-la e isso assistimos muito a isso na educação hoje no mundo inteiro: os problemas das provas do PISA, das notas baixas do Brasil nas provas do PISA, se fala cada semana da Finlândia, de como nós deveríamos ter escolas como os finlandeses. É claro que o orçamento educativo brasileiro não é como os dos finlandeses, que cresce, aqui se congela e diminui, ou seja, dizemos que temos que ser como a Finlândia, mas fazemos as coisas ao contrário do que se faz na Finlândia. Bem contraditório isso, não?

Eu queria dizer que é uma coisa pouco interessante isso de pensar que a educação se faz a partir de modelos, você faz coisas para imitar. Hoje o modelo a imitar é Finlândia, antes era Coreia e assim por diante, parece que copiando um modelo resolveríamos nossos problemas. Rodríguez dizia: “Inventamos ou erramos”. Ou seja, não há República se há cópia, se há imitação, não há República se não há invenção, mas ele não falava isso apenas em termos de política, ele falava em termos de educação, de escola, ou seja, era a época de métodos alfabetizadores que eram métodos que custavam pouco dinheiro e os governos sul-americanos importavam eles porque a partir de uma formação rápida os tutores depois reproduziam rapidamente este método, era uma coisa técnica, de instrumento, e Rodríguez

A escola, o amor e a filosofia: inventamos ou erramos

KOHAN, Walter O.

afirma: a educação não é a terra da reprodução, da cópia, a educação é a terra da invenção, ou seja, é um professor, é um educador de filosofia precisa, em primeiro lugar, inventa-ser a si próprio, se inventar a si próprio a partir do sentido que encontra, a partir da terra que habita, a partir de interlocutores que encontra, então se “Inventamos ou erramos”, é verdade na política, é ainda mais verdade na educação, ou seja, um professor que não se inventa e que não inventa um sentido e um significado, para o que significa educar, não pode fazer aquilo que faz um educador, está fadado a errar, não acertar no sentido de que irá imitar ou reproduzir algo que ele não é.

Então vejam, “Inventamos ou erramos”, lembrem-se que a invenção não precisamente tem a ver com alguém inventivo, ou a alguém que tira algo de dentro, invenção tem a ver com aquele que está sensível com o que há fora, que está atento ao que há fora. Rodríguez criou a primeira escola filosófica popular da América Latina, em Chuquisaca, Bolívia, 1826. A primeira escola na qual entravam todos sem condição, toda a população, negros, membros de povos originários, filhos de prostitutas, todos entravam na escola popular que Rodríguez criou em 1826. Claro como essa escola durou poucos meses, porque uma vez quando Rodríguez foi fundar uma outra escola, aquela foi demolida e acusaram Rodríguez de gastar mal o dinheiro público, de louco, de estrangeiro. Então vejam como as lutas da América Latina de hoje são as mesmas do século XIX, Rodríguez afirmava uma educação para todos e ele dizia uma coisa superinteressante, vejam, ele não dizia como hoje “vamos à escola para formar cidadãos”, Rodríguez dizia “escola para todos porque todos são cidadãos”. Ou seja, não é ao irmos para escola que nos tornaremos cidadãos, é porque somos cidadãos que vamos à escola, é porque somos cidadãos que devemos fazer escolas para todos. Percebam como é uma inversão de princípios, escrita aqui na América Latina faz 200 anos.

Quero, ainda dizer por último, já para terminar, um outro sentido para “Inventamos ou erramos” que eu quero propor para vocês, desculpem se estou indo para lá e esqueço de voltar, então “Inventamos ou erramos” pode ter outro sentido e já com isso eu termino e espero que também no final estejamos nos aproximando de um início, não só da apresentação, do maravilhoso livro da Reilta, mas a um início como dizíamos ontem, a uma infância do pensamento, de nosso próprio pensamento, sobre nós mesmos, de como nós professores de filosofia e de qualquer outra coisa podemos a partir de uma pergunta, de um questionamento iniciar um certo caminho no pensamento. Vejam, “Inventamos ou erramos” pode querer dizer, como supus até agora, invenção oposto no erro, no sentido de erro,

A escola, o amor e a filosofia: inventamos ou erramos

KOHAN, Walter O.

oposto ao verdadeiro. “Inventamos ou erramos” pode querer dizer, como eu falei até agora, inventamos ou não acertamos, mas também pode querer dizer outra coisa, errar não apenas pode querer dizer não acertar, errar pode querer dizer viajar sem um destino pré-fixado, como um errante. Errar é uma forma de viagem, não sem destino, mas sem que o destino seja antecipado. É próprio caminho que diz o sentido da viagem e não alguma coisa que se coloca antes da saída.

E como ontem falávamos do improviso, lembram? Não ver antes, improvisar significa não ver antes, o errante não vê antes de caminhar o sentido da caminhada, onde é que o caminho vai levá-lo, é o contrário do turista, o turista hoje viaja já sabendo onde vai chegar, o que tem que ver, as fotos que tem que tirar, os lugares que tem que visitar. Se um turista vai ao Rio, logo tem que tirar foto do Cristo, do Pão de Açúcar, senão não foi para o Rio de Janeiro. Então, na verdade o turista não pode ver nada, só ver o que tinha que ver, enquanto que o errante chega e o próprio caminho é o que dá os sentidos da viagem dele, é de alguma forma a autoridade do caminho, é o próprio caminho que mostra onde ele deve andar. Assim, errar pode não querer dizer necessariamente não acertar, pode querer dizer deslocar-se, e Rodríguez pensava muito que um professor é alguém que precisa sair do lugar. Rodríguez viveu a vida inteira viajando, e a vida inteira fazendo escolas como fez em Chuquisaca, Bolívia, ou seja, ele não pensava que o aluno tinha que ir ao seu saber, ele não pensava que os outros deveriam ir ao seu saber, ele ia errando em busca do saber dos outros, e dos outros do saber, dos excluídos do saber. Percebem que temos uma inversão da posição docente, não trazer os outros ao que sabemos, mas sair à espreita para saber de outra maneira. E o “ou” eu coloquei como uma adversativa, como uma exclusão, como uma coisa ou outra, mas também pode querer dizer um exemplo ou como os gramáticos falam, um explicativo, ou seja, às vezes nós dizemos uma coisa ou outra, no sentido de uma coisa, ou seja, essa e a outra é um exemplo ou uma instância ou um sinônimo, uma forma da primeira.

O que quero afirmar é que o errar pode ser uma maneira de inventar, o errar pode ser um exemplo, pode não se opor e nesse sentido Rodríguez diz: “Se é preciso inventar, é na errância que se inventa e não ficando quieto no mesmo lugar”. Rodríguez diz, por exemplo, “Eu prefiro o vento, a água e todas as coisas que se movem e não as árvores que ficam quietas no seu lugar”. E essa é uma metáfora bonita para um professor, para um docente, ou seja, “Inventamos ou erramos” significa que se o que precisamos inventar é o próprio papel do professor não conseguiremos fazer isso de maneira interessante quietos ou

A escola, o amor e a filosofia: inventamos ou erramos

KOHAN, Walter O.

pretendendo dos outros o que é de nós e sim saindo de nós e errando na procura daqueles que hoje não habitam a escola, que não habitam o saber, daqueles que estão postos fora da escola, então acho que está bom, acho que é um bom momento para terminarmos por aqui.

Agora só vou dizer rapidamente, em poucos minutos, o que quis dizer, sei que para muita gente está super claro (risos), mas, por acaso... e se alguém está pensando em uma outra linha podemos conversar depois. Tentei trabalhar com algumas palavras, mostrar como hoje num contexto tão difícil na educação no Brasil, pode valer a pena pensar, talvez seja hora de que a filosofia deixe de se preocupar em transmitir e legitimar seu próprio saber construído a partir da história, tente sair do lugar em que se encontra e ir em busca de outros saberes. No caso da ignorância, tentei mostrar que para além do não saber, e para além do saber do não saber, ela pode ter um valor político e filosófico importante, ao afirmar na ignorância de um professor de filosofia uma recusa de tudo aquilo que impede as condições para de fato poder pensar com outros. As condições para poder pensar com outros, basicamente, significam que só se pensa entre iguais, que só se pensa quando pensamos que todos são igualmente capazes de pensar, para além da classe social, para além da idade, para além da raça, para além da cultura, para além da história, só se pode pensar entre iguais, porque quando alguém se coloca por cima do outro não pensa junto, na verdade pensa para ou transmite e decide o que o outro pensa ou deve pensar. Por último, coloquei a ideia de invenção, que é uma ideia que hoje é muito mal tratada, se fala muito de que é preciso inventar, de que é preciso inovar, ser criativo, às vezes num discurso meramente individualista, meramente competitivo, meramente consumista, mas tentei oferecer para vocês como essa palavra invenção pode ser resgatada, não na lógica da criatividade, do sujeito criativo, mas sim, na lógica de um sujeito atento, atento ao fora, sobretudo atento ao excluído do saber ou ao saber do excluído, aos que estão fora do saber ou saberes, que não entram, que não cabem, que às vezes a própria filosofia deixa fora se colocando como polícia, como julgadora do que é legítimo e não legítimo de saber.

Então espero/desejo que vocês se sintam inspirados, espero que a partir das palavras invenção ou ignorância cada um de vocês se sinta também convidados a fazer este exercício de pensamento, porque, precisamente, talvez nesse momento assim tão obscuro, tão ameaçador como hoje, e isso é o bonito deste encontro, e isso é o bonito do trabalho da Reilta, do Teixeira, do Galileu, de todo o grupo que está aqui, o bonito de assistir a apresentação de um livro como o da Reilta, que demonstra uma experiência de pensamento,

A escola, o amor e a filosofia: inventamos ou erramos

KOHAN, Walter O.

penso que este é o grande valor de nos encontrarmos aqui, quero dizer que embora as condições não sejam as mais favoráveis, com todas as pressões externas, a gente ainda aposta no pensamento, ainda vale a pena encontrar-se para pensar juntos, porque é na medida que a gente se encontra e na medida que a gente pensa juntos que as coisas podem ser de outra maneira, as coisas começam a ser de outra maneira e eu penso que este é um ato que a gente nunca pode renunciar, nunca podemos entregar, a confiança e o valor no ato de pensar, de pensar juntos e de como o mundo, cada vez que pensamos nele, juntos, sempre pode passar a ser de outra maneira.

Agradeço muitíssimo a atenção, o convite, a hospitalidade, me sinto imensamente privilegiado de ter passado esses dias aqui com vocês e parabênizo o grupo, as companhias que vieram, Carol, Priscila, tomara que nos encontremos muitas outras vezes comemorando o mesmo que estamos comemorando hoje, o ato de podermos pensar juntos, que como Marcos diz, é um ato de amizade, pensamos juntos porque somos amigos, amizade é uma *condição* para que possamos pensar juntos e a filosofia tem a ver com a amizade, não a amizade assim de que “sou amiguinho dele porque conto meu segredinho”, não, amizade de sentir que o mundo nos preocupa, nos interessa, nos interessamos juntos podemos habitar um mundo e transformar o mundo que temos num mundo que permita que mais pessoas vivam uma vida que mereça ser vivida. Obrigado e boa noite!